

surpreendido com a quantidade de sacos nêle existentes, aparentemente cheios de ouro, além de artigos avulsos de ouro e prata, arrumados separadamente”.

A descrição de problemas relacionados com a alimentação; a sinalização da existência de fatos relativos à hierarquia social; o problema do escravo; a pesca da baleia; a exploração do salitre; a falta de dinheiro; o monopólio pela Igreja e Estado das melhores terras ao redor de Salvador; as festas populares e religiosas; o recrutamento dos soldados e marinheiros, etc., são outros temas tratados com precisão neste diário, que se torna de leitura imprescindível para quem queira conhecer o Brasil na véspera da sua independência.

EDGARD CARONE

ÉTUDE SUR L'EXERCICE DE LA FONCTION D'ARCHITECTE

Por François Marquart e Christian de Montlibert. Institut National pour la Formation des Adultes. Nancy, França. mai 1969. mimeogr.

A formação artística e humanística do arquiteto no mundo ocidental, especialmente na França, e o estilo de conduta profissional que aquela condiciona têm-se constituído em objeto de vários estudos, muitos dos quais sociológicos. A sociologia das ocupações, como se sabe, interessa-se pelas várias ideologias ocupacionais e seus resultados em termos de norteadoras da conduta e das condições de êxito de seus portadores no mercado de trabalho.

O estudo em questão ultrapassa, porém, esse ponto de vista analítico já tradicional. Parte de um traçado histórico conciso, mas bem informado, da evolução histórica da profissão de arquiteto a partir da Idade Média; passa em revista, mediante diagnóstico conclusivo, as precárias condições técnico-econômicas do mercado da construção civil vigentes na França e decompõe a complexa rede de divisão do trabalho de projeto, contrôle e supervisão neste tão importante setor econômico.

O retrato detalhado da situação de mercado dá-nos idéia clara dos mecanismos institucionais que tolgem a prática arquitetônica no que ela tem de mais específico: a liberdade de criar, de organizar o espaço humano com arte e funcionalidade. Interessante notar, a respeito, semelhanças da situação do arquiteto francês e do brasileiro. Lá, como cá, a interferência do Estado no setor das edificações habitacionais, por meio de financiamentos necessários para suprir a formação

privada de capital, e imbuída de um espírito imediatista de construir o máximo ao menor custo, favoreceu a expansão dos escritórios de arquitetura, burocratizando-os e colocando-os à mercê da supervisão restritiva da engenharia governamental. Em contrapartida, vieram a diminuir as possibilidades efetivas do exercício liberal da profissão, o que gerou a busca de soluções novas por parte dos arquitetos.

Assumindo, analiticamente, a visão de mundo do arquiteto sobre as limitações institucionais da prática profissional, o autor penetra na ética esteticista e humanista tão arraigada no francês (a mentalidade da escola de **Beaux-Arts**) classifica-a de carismática e mostra como ela já não corresponde às modernas condições de trabalho. Em decorrência, parte para a exploração das alternativas de reforma da profissão pleiteadas, evidenciando em que medidas as soluções apresentadas traduzem ou não modificações da ética tradicional.

O relatório resultou de pesquisa de campo junto a arquitetos franceses, em 1968, e tem o duplo mérito de conciliar o tratamento estatístico de informações padronizadas com o uso livre de depoimentos abertos bem selecionados. Além disso, revela ter sido conduzido por hipóteses seguras sobre o que investigar. Um trabalho recomendável a estudantes de sociologia das ocupações, tanto pelo seu valor intrínseco, como pelas inúmeras semelhanças entre a situação retratada na França e a vigente no Brasil, que ora estamos pesquisando.

JOSÉ CARLOS GARCIA DURAND

A RECONSTRUÇÃO HUMANA — O OUTRO LADO DA COMUNICAÇÃO DE MASSAS

Por Murillo Nunes de Azevedo. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1971.

N'O homem medíocre, José Ingenieros lastima a triste sina dos que sucumbem à rotina do cotidiano. Murillo Nunes de Azevedo, muitos anos depois, faz o mesmo. E daí? Será que ainda é necessário fazê-lo? Será que ainda comove a alguém a denúncia pura e simples dos efeitos alienadores dos meios de comunicação de massa a serviço do consumo ou da manutenção do poder político? O assunto fica bem, hoje em dia, como tema de música ou de poesia; mas, como assunto de análise crítica, convenhamos, há-de se ir adiante. E o autor não vai. Quando tenta, lança mão de princípios do budismo e defende a introspecção, praticada com base nas posições físicas da

loga, como meio de o homem livrar-se dos estímulos condicionantes ambientais, dos fatores de irritabilidade, e descobrir a paz interior; de encontrar-se, enfim, consigo próprio. Mas o budismo não é apresentado de forma sistemática, como filosofia. Dêle ficamos sabendo apenas que não é “uma religião no sentido estreito do termo, e sim uma arte de viver, que pode ser aplicada por cada um dentro de sua religião particular” (p. 129); arte de viver que consiste em sentir o “aqui e agora”. O autor não foge à preocupação prática — que tanto notabilizou Dale Carnegie nos círculos leigos — de **Como evitar preocupações e começar a viver**, e nem mesmo falta-lhe o arrolamento de regras para ser feliz, a que êle chama estágios da integração, a prática da compreensão correta, do pensamento correto, da palavra correta, da ação correta, do modo de vida correto, do esforço correto, da atenção correta, para finalizar na integração, em que a comunicação é possível pois o sujeito emissor e o sujeito receptor removeram as barreiras do condicionamento social e encontraram a paz interior.

Nosso desconhecimento da filosofia budista, que não é suprido na obra, não nos permite apreciar a fidelidade do autor à mesma, porém, é forçoso reconhecer que no ecletismo da sua formação intelectual (engenheiro de transportes, interessado em psicologia e comunicação de massas como revelam suas citações, e monge budista) acabou prevalecendo certo pragmatismo ingênuo do racionalismo ocidental, que supõe a felicidade suprema como um objetivo atingível por regras enunciáveis no discurso verbal.

Discordamos da apresentação de Mariano Tôrres, segundo a qual o autor, “valendo-se dos postulados básicos da filosofia oriental — ao expor, debater e criticar as teorias massificantes — defende a meditação budística como a única forma de resolver a angústia existencial e fazer reviver as criaturas humanas”. Em verdade, não há críticas a teorias massificantes, mas apenas ao que há de mais visível na massificação, que é a manifestação da personalidade estereotipada. A rigor, o que a obra não revela é o terceiro lado do processo de massificação, ou sejam os fatores estruturais e o jogo de interesses que determinam, perspectiva necessária a quem pretenda hoje discutir comunicação. Além disso, o autor parece não dar conta de que a angústia existencial é emoção típica daqueles que fugiram ao padrão convencional de homem moderno a que o pessimista sociólogo Wright Mills chama **robô alegre**.

JOSÉ CARLOS GARCIA DURAND